



A arte da natação  
Antes e depois  
Continue no curso atual  
Olimpíadas da alma  
Los Angeles  
Quando a meta é o infinito  
Para você eu arremesso

Agradecimentos

Referências bibliográficas

Autora

Créditos

*Então, como foi a sua noite ontem? Conseguiu dormir? Teve pesadelos? Estava muito irritado? A partida teve uma lógica ou um ritmo próprio. Às vezes ficava meio louca ou surreal. Você chegou a sentir como se ali fosse um tipo diferente de espaço? Pode descrever qual foi a sensação à medida que a partida não tinha fim? Você ficava jogando as mãos para o ar, como que, para dizer, O que é que eu posso fazer? Você acha que tem como continuar ganhando? Até onde acha que pode ir? Você acha que a partida vai ser lembrada pela qualidade ou somente pela duração? Consegue estimar quantas bananas você comeu? Quantas garrafinhas de água tomou? Quantas vezes trocou de camisa? A que horas você foi mesmo pra cama? Tem algo que o mantenha paciente e mentalmente ligado no que acontece, algum tipo de palavra mágica? No final, foi a vontade de ganhar ou o medo do fracasso que o levou a se superar? Houve algum momento ontem em que você achou que ia ter de parar por causa da exaustão? Essa ideia continua na sua cabeça? Ainda persiste?*

— Perguntas feitas durante a entrevista coletiva com John Isner em 24 de julho de 2010, depois da mais longa partida de tênis de todos os tempos.

# A arte da natação

Alguns anos atrás, um colega, quando soube de minha pesquisa com ênfase em esporte, contou-me uma anedota sobre um patinador de velocidade olímpico que, momentos antes da corrida, ficou sabendo que a irmã que amava tinha morrido de câncer. Conhecendo o gênero de história, seria de imaginar que ele tenha se lançado a uma vitória certa. Ao contrário, o patinador cai, não uma, mas duas vezes, e fica lá, no gelo, com as mãos cobrindo o rosto.

Apenas seis anos mais tarde o patinador resignado leva a história à sua conclusão “natural” triunfando onde antes havia fracassado. Depois de conquistar a medalha de ouro, ele levanta a filha recém-nascida no ar enquanto circula pelo ringue em uma volta olímpica há muito adiada. Por afeição, ela foi batizada com o mesmo nome da irmã dele.

—

A lição aqui parece bastante simples. Mesmo depois do acidente que nos imobilizou no gelo, ainda temos a opção de seguir em frente.

Enquanto você se recusar a desistir, ainda é possível vencer.

—

Talvez seja por isso que escolhi estudar esportes.

Pode ser que eu tenha acreditado que o esporte fosse me salvar do cinismo.

—

Estou pensando em tudo isso sentada em meu canto habitual da academia, um pedaço sujo de carpete roxo que dá vista para a piscina, com meus livros e anotações servindo de trincheira à minha volta.

Graças às intervenções positivas de minha orientadora, o departamento permitiu que eu trabalhasse por mais um semestre como monitora. O que significa que posso continuar matriculada, mas preciso pagar a taxa de matrícula.

Tecnicamente, eu não devia ter essa oportunidade. Já passei do “tempo regulamentar”, o que quer dizer que estou no programa de Estudos Americanos há mais de sete anos — mais do que pensam ser favorável a mim e a eles.

—

Claro que há outros lugares mais adequados para trabalhar em minha tese do que aqui ao lado da piscina na academia da faculdade.

O andar superior da biblioteca da universidade tem um departamento completo projetado para facilitar a conclusão de teses de doutorado. A sala tem janelas, vista panorâmica, microondas e várias fileiras de cadeiras ergométricas, do tipo que tem encosto de tela, ajustável, daquelas que você pode afundar o corpo todo. Eu podia passar dias sentada em uma dessas.

No entanto, é aqui que eu fico na maior parte dos dias.

Em certo sentido, a piscina é calmante. A umidade morna na academia parece mais humana, mais parecida com a respiração do que o ajuste burocrático de temperatura da biblioteca, programado exclusivamente para impedir o crescimento de

micróbios nos livros e na mobília.

Acho que ficar aqui ajuda. O cheiro do cloro faz bem. A explosão do cheiro quando abro a porta. É o cheiro da ansiedade, da expectativa, da necessidade urgente de ter um bom desempenho. Aquela sensação de se apaixonar: é a mesma coisa.

—

De cima, nadar parece algo que não exige esforço. Os nadadores deslizam pela superfície como canoas velozes. Sem pistas que indiquem a distância percorrida ou a altura atingida, é fácil esquecer a fadiga dissimulada por trás do feito. É fácil esquecer que a água é pesada e que passar através dela exige uma força tremenda. É só de perto que se ouve a respiração entrecortada, os braços batendo impetuosamente contra o ruído do ponteiro do relógio.

—

Afinal, a resistência diária de viver é um esforço necessário. Nossa musculatura é projetada para resistir.

—

Uma noite dessas, na festa da Jenny — ela comemorava a escapada da vida acadêmica, depois de conseguir emprego como administradora de uma galeria —, todos, sentindo meio que pena de nós mesmos, mas também meio dissimulados em nosso sofrimento, ficamos tentando impressionar a anfitriã com nossos padecimentos físicos.

Jack relatou que tinha escrito trinta e duas mil palavras da tese com torcicolo. Depois de anos debruçado sobre livros, todas as fibras dos músculos tinham se cristalizado em uma camada inflexível que não permite nem mesmo a passagem de agulhas de

acupuntura. Ele disse que tentou fazer automassagem no pescoço, mas só piorou os nervos. A dor “ribombava” (que palavra maravilhosa), subia e descia a noite toda como um trem. Agora ele tem receio de ir a um massagista profissional e não ousa encostar no pescoço de jeito nenhum.

George, tão bonito e seguro quando acordado, range os dentes até desgastá-los enquanto dorme. É como se fosse um castor diligente, mas sem a parte dos dentes que se regeneram. O dentista implora que ele use a placa protetora, mas sabe-se lá como ela sempre vai parar do outro lado do quarto. Talvez ele a arremesse. Às vezes acorda ouvindo o som desagradável gerado em sua boca. Um instrumento macabro. As mandíbulas doem o dia inteiro. Espanto-me quando ele mostra os molares lisos, planos, mas também sinto uma ponta de inveja. George é meu amigo mais brilhante.

Quando comparo meus males físicos menores, vejo a prova da minha falta de comprometimento com o mundo acadêmico. Claro, meus joelhos doem por passar tantas horas de pernas cruzadas no carpete do ginásio. Sinto que a parte inferior de minha lombar está calcificando em uma conformação deformada. E preciso parar de tempos em tempos para massagear os pulsos. Acho que pode ser síndrome do túnel do carpo, mas o diagnóstico ia exigir a confirmação de um especialista. A maior parte do tempo eu digito com os polegares.

No fim, nossas atuações fazem com que a gente se sinta meio patética, mas Jenny não se sente depreciada. Acho que sem querer demos a ela o dom da convicção.

—

Surpreendo-me observando os nadadores por longo tempo. Minutos, muitos, não sei quantos. Analiso a braçada de cada nadador para identificar onde se rendem à ineficiência. Quero

descer e dizer, Sabe, podia ser bem mais fácil. Se eles soubessem.

---

A disciplina que estou ministrando como monitora neste semestre é sobre “manifestações neoliberais do esporte”, dirigida a alunos em fim de graduação. Confiro as anotações que fiz na aula do dia anterior. Tem alguma coisa a ver com bolas. “A bola é um *tertium quid* — aquela terceira coisa indefinida.” E depois, não sei bem por que cargas-d’água, a frase “hegelianismo desbotado”.

---

Quando há um espaço de tempo entre o momento em que faço a anotação e no qual a confiro, tendo a esquecer o contexto em que aquilo foi dito, e daí a anotação torna-se irrelevante.

De algum jeito vou conseguir entender. Depois. Se é que em algum momento vou parar para isso.

---

Estou quase encerrando o dia quando Louis liga. Sei que deve ser urgente. Quem liga para os outros hoje em dia? Fico encarando o telefone vibrando em minha mão. Não atendo. Cai na caixa de mensagens.

---

Estou sentada enrolada, bem encolhida, peito contra as coxas, o telefone quente encostado na orelha. Uma das palmas da mão está fortemente pressionada contra a outra para abafar o eco e o barulho da água.

Paul morreu, Louis está dizendo. Ele não aguentava mais. Estava cansado demais.

Aguentar o quê? Eu quero gritar. O que há para aguentar? Eu realmente quero saber.

—

Passa pela minha cabeça que talvez seja uma piada de mau gosto. Na faculdade, era comum que Paul se deixasse levar pelo impulso incontrolável de testar nossa consideração por ele ao fingir estar com problemas. Será que íamos ajudar? Será que íamos salvá-lo? Em pouco tempo, Louis e eu estávamos bem treinados, recusando-nos a ajudá-lo. Como resposta, as pegadinhas ficaram cada vez mais elaboradas, envolvendo atores e custos de produção: um dólar para cada estranho que se dispusesse a espalhar boato.

—

“Você está brincando”, eu insisto.

Embora lá no fundo eu saiba que desta vez Louis está dizendo a verdade.

—

O funeral do Paul vai ser no sábado, mas não tem como eu conseguir atravessar o país de avião. Sim, Louis concorda. Melhor se você não for.

—

Minutos se passaram, mas quantos?

—

O movimento ondulante abaixo é como um papel de parede entediante ou um bebedouro de escritório: visual sem som.

---

É possível que Paul tenha se esquecido de mim. Não nos falávamos havia anos. Só porque fomos melhores amigos na faculdade não quer dizer que a gente tenha importância um para o outro hoje em dia.

---

As luzes do ginásio oscilam. A zeladora aproxima-se, empurrando um carrinho barulhento de limpeza com rodinhas. É hora de ir para casa, ela diz. Encaro-a de minha posição abaixo, onde estou como um artista no metrô ou um cachorro tristonho. Finalmente levanto e saio. Continua a nevar.

# Antes e depois

A notícia estremece durante dias, reposicionando todos os continentes mentais. Louis e eu falamos mais algumas vezes por telefone enquanto tentamos processar o acontecimento. O que se recompõe é como um quebra-cabeça desorganizado. Passamos longe de entender Paul.

---

O fato de termos gravitado uns em torno dos outros com coordenadas tão erradas faz com que Louis e eu nos tratemos com mais ternura. Falamos quase sussurrando um com o outro, como psicólogos de alunos de ensino fundamental, como alguém que visita doentes com medo de romper a membrana da sanidade.

---

Afinal, o evento comprova que não é difícil passar de um estado para outro. Você cruza a linha de chegada — é uma simples demarcação — e deixa de ser alguém que está em movimento para ser alguém que já acabou. É fácil como esticar o pescoço para a foto na linha de chegada. É fácil como cruzar uma porta.

---

No fim das contas, somente parentes foram ao funeral, além de algumas pessoas não muito próximas a Paul. Louis me conta que encontraram um bilhete no bolso da calça do Paul que continha as senhas de várias contas e instruções sobre como dividir os pertences dele. A outra parte era dirigida a parentes e amigos.

Louis hesita.

“Ah”, eu digo. “Tudo bem. Eu não preciso saber o que diz. Na verdade, acho até melhor não saber.”

---

Nessa época, tudo aconteceu ou “antes” ou “depois” da notícia. Será que lavei roupa “depois” da notícia? Parece que não. Já se passou mais ou menos uma semana.

---

Sinto um entorpecimento no corpo ainda não terminal. Uma pequena ruptura surgiu, mas continuo me sentindo suficientemente leve para que a vida me carregue como um barco avariado atingido pela chuva.

---

Se tiver construído a vida e a estrutura for bem sólida, é possível se refugiar nela sem maiores problemas. Ou melhor, se refugiar na vida é o procedimento padrão, independentemente de você ter construído uma boa vida.

Quando digo “vida” estou falando do pequeno ciclo de rotinas que pratico como uma prece. Abro os olhos, caminho até a biblioteca ou o ginásio, faço alterações em minha tese até ter fome, aí vou para casa. Às vezes consigo ver os amigos. Essa vida é pontuada aqui e ali por prazos que me apavoram e interações com figuras influentes, mas sempre consigo superar com períodos amenos depois. É assim que me mantenho “equilibrada”.

---

O pensamento que se segue passa pela minha cabeça com

frequência cada vez maior: “A vida cotidiana já é extenuante o suficiente”. O suficiente para quê? Nem sei direito o que quero dizer. Carrego o cesto de roupa para lavar por seis lances de escada na descida, carrego o cesto de roupas para cima, carrego a bicicleta para baixo, carrego as compras para cima, carrego os livros para baixo, carrego os novos para cima, para cima e para baixo, para cima e para baixo.

---

Alguns dias depois, porém, um novo pensamento passa a fazer parte do meu repertório: “Eu não vou dar conta”. Como reação, reflito: “Você só tem que seguir em frente”. Esses pensamentos confrontam-se enquanto permaneço como árbitra. É um trabalho exigente. Geralmente quando passa um trem ou caminhão carregado, o estrondo silencia momentaneamente os pensamentos; no entanto, é um tipo de silêncio extremamente desagradável.

---

Em 1902, durante uma partida de futebol entre Escócia e Inglaterra, o estádio no Ibrox Park em Glasgow ruiu. Tinha chovido na noite anterior, e o terreno se deslocara. Vinte e cinco pessoas morreram ao cair de uma altura de dez metros, e 517 ficaram feridas. Inacreditavelmente, depois do desabamento, os jogadores tiveram permissão para continuar o jogo a fim de evitar uma corrida desenfreada rumo às saídas. Muita gente na arquibancada não percebeu o que tinha acontecido e continuou, distraidamente, a se divertir com o jogo.



Ibrox Stadium, depois do colapso de 1902. Wikipédia.

---

No noticiário de hoje: bancários pulando de pontes, consultores metendo armas na boca. Um executivo dirigiu-se até o meio de uma reserva florestal para cometer o suicídio.

---

Estou só tentando fazer o melhor que posso para “não desmoronar”. Acho que ninguém percebeu.

---

Amanhã tenho de ir a Chicago para apresentar um artigo em

uma conferência acadêmica. Agora mesmo minha orientadora enviou um e-mail para verificar se preciso trocar uma ideia por telefone. Ela quer me lembrar que meu objetivo é encontrar colegas para “trocar contatos” para esquivar-se de ser o único bote salva-vidas à minha disposição.

No começo, toda vez que o nome de Meena surgia em minha caixa de entrada eu ficava empolgada, era como se tivesse recebido um prêmio. Ela é uma historiadora marxista renomada, e ter o aval dela para meu futuro foi como dispor de uma sucessão de portas se abrindo à medida que me aproximava. No entanto, nos dias de hoje, as portas se abrem com mais resistência. Agora pedem minhas credenciais e me olham dos pés à cabeça. Não sei, mas acho que é o que querem dizer quando alguém “pisou na bola”.

O tempo todo enquanto conversamos, fico tentando descobrir o momento exato em que consegui engambelar minha orientadora e levá-la a acreditar que eu fosse merecedora de seu apoio, só assim vou poder tentar corrigir esse mal-entendido. Um modo de reduzir a pressão, imagino.

—

Para chegar à conferência, pego um avião, uma van, depois ando trezentos metros até o hotel.

É exaustivo ter de transportar um corpo, uma mala e uma cabeça cheia de pensamentos.

—

Na recepção, recebemos crachás de plástico com nossos nomes para afixar no peito. Sou “Athena Chen: Universidade de Nova York”. Outros são de universidades desconhecidas, lugares longínquos. Há contingentes inteiros que não reconheço. Que

faculdades são essas, e será que deveria estar preocupada?

---

Até agora ninguém pediu que eu demonstrasse meu conhecimento sobre esportes.

---

Há um coquetel para que o pessoal se conheça no salão de festas do hotel, mas me pego andando meio ao acaso rumo ao saguão para assistir às Olimpíadas de Inverno de Vancouver. Por que agendaram uma conferência sobre esportes coincidindo com as Olimpíadas? Com certeza não sou a única acadêmica chateada por perder as transmissões ao vivo. Será que a ideia era ter um cenário bacana para atividades que, na verdade, são meio sem sentido? O que também parece ser um teste para conferir o quanto somos dedicados.

---

Neste exato instante, Lindsey Vonn esquia com um dos pés torcido, que causa dores lancinantes até quando coloca as botas de esqui. O tempo está piorando. Está nublado, e a visibilidade é ruim. Será que nossa campeã vai conseguir outra medalha nessas condições? Ah, tudo que está em jogo!

A câmera dá um zoom em Vonn no portão de largada. Ela enfia os bastões na neve e sai rumo ao lúgubre branco. Faz a primeira curva. O corpo inclina, depois se endireita, preciso como um metrônomo. Sem erros. O comentarista narra algo sobre três décimos de segundo.

De repente, em um flash, Vonn derrapa fora do trajeto deixando um rastro de neve, parecendo vapor. O comentarista ofegante. “Abatida”, eles estão dizendo. Os rostos na multidão estão

perplexos e vermelhos de frio. Os médicos trabalham rápido para desembaraçá-la das redes azuis. “Ela está bem!”, eles gritam. É um milagre! Vonn se levanta e acena.

Por causa do acidente de Vonn, a parceira de equipe Julia Mancuso recebe uma bandeirada e é obrigada a recomeçar o trajeto. O que gera uma grande desvantagem por causa das tecnicidades da cera do esqui e das condições do tempo que vão piorando, além da perda geral de concentração.

Mancuso, ao cruzar a linha de chegada, enfia o rosto entre as mãos e chora.

—

Ganhando ou perdendo, o espetáculo é emocionante. É possível se atirar com segurança montanha abaixo, suportando voluntariamente anos treinando e enfrentando a monotonia e as dificuldades, além da infelicidade, para a satisfação dessa única meta profundamente significativa. Caso se decida que é o que tem sentido.

Esse belga no luge, por exemplo. Está deslizando rápido demais. O comentarista diz que é a maior velocidade possível para alguém deslizar no luge em segurança nessas condições climáticas: o sol de Vancouver derreteu o gelo.

Poucos dias antes, outro competidor de luge saiu da pista e foi arremessado, em uma situação dramática, contra um pilar de aço.

Esse belga está fazendo as mesmas manobras mortais, diz o comentarista, como se pudesse haver uma estratégia para cair em alta velocidade em uma rampa de gelo. Para mim, parece que ele está simplesmente se agarrando à beira do trenó, torcendo para chegar bem do outro lado.

—

Na manhã seguinte, acordo cedo. Faço anotações para a minha fala e as coloco sobre a cama. É habitual em nosso meio incluir alguma menção sobre qual esporte praticávamos ou por que desistimos. É como se nós estivéssemos barganhando com um técnico invisível, devastando a mente para descobrir por que merecemos parar. Quanto mais bem-sucedido o acadêmico tiver sido no esporte que praticava, mais harmoniosa será a menção. Tentei cortar aqui, realçar ali, mas minha justificativa não é dramática. Eu nadava, fiquei mais lenta, parei.

—

Continuava a me surpreender toda vez que me olhava no espelho de relance. Talvez por jamais ter ficado sabendo qual era minha aparência antes de parar de nadar. Por anos, achei que a cor natural de minha pele fosse marrom. Meu cabelo farto, preto, que por causa do cloro ficava louro pálido, esverdeado, jamais cresceu além dos ombros porque as pontas secavam e se desintegravam. Era como ter um corte de cabelo permanente, que se automantinha.

Quando criança minhas histórias preferidas eram sobre animais adotados por espécies diferentes. Meus pais, imigrantes de Taiwan, pouco familiarizados com a ideia de competições esportivas, frequentemente olhavam espantados para mim. Encarava-os com a aparência de um panda surpreso, os círculos brancos dos óculos em meio ao bronzeado. O lugar para gente como eu era a piscina. Gente como eu se entupia de barrinhas de granola e tirava sonecas na frente dos outros sem o menor pudor. Gente como eu ficava com as costas encurvadas. É como se em terra — com ausência da compressão da água — fôssemos incapazes de nos contrapor à força da gravidade.

—

Depois de parar de nadar, eu me lembro de observar o lento desaparecimento das minhas marcas de bronzeado. A marca em X em minhas costas foi a primeira a sumir. A transformação do restante do corpo demorou um pouco mais. Perdi muito peso. Meus ombros ficaram mais estreitos, e minhas costas perderam seus volumosos cumes e vales. Logo eu parecia uma pessoa normal, livre da natação.

---

E hoje? Analiso com cuidado meu reflexo no espelho do banheiro. Cabelos curtos pretos, uma aparência pouco saudável, magra, lábios inexpressivos. Sob o brilho implacável das luzes da beleza, pareço mais pálida do que nunca.

---

No quiosque de café da conferência: dois homens discutem o recente suicídio de um goleiro alemão, Robert Enke. Um deles pergunta: Você acha que o fardo de ser goleiro profissional é mais do que uma pessoa consegue suportar? O outro dá de ombros: Bom, mas tem goleiro que aguenta a pressão muito bem.

---

Ao menos há certa honra em apresentar um artigo em uma sala que progressivamente torna-se mais abafada em virtude do calor dos corpos e das exalações coletivas. O que faz parecer um clima de conversa em volta da lareira. Muito melhor que fazer a apresentação em uma sala gelada como uma caverna ou arejada como embaixo de um píer. Todos aqueles lugares escuros, não percorridos.

---

Pergunta: Por que os integrantes da banca parecem incomodados? Fazem anotações com afinco em seus cadernos enquanto falo. Fico imaginando o que estarão escrevendo.

Resposta: Um rapaz na plateia levanta a mão. “Não parece meio irresponsável afirmar que a cultura popular não explorou a ideia heideggeriana de clareira como *locus* de possibilidade? Acho chocante que você não tenha mencionado o excelente filme *Campo dos sonhos*.”

Um segundo sujeito na primeira fileira concordou com um gesto de cabeça, enérgico. Ele dá um golpe em um livro e o agita no ar como se fosse uma prova. Um terceiro sai da cadeira e foge da sala agachado, indicativo universal para “sou invisível”. Também quero me abaixar e desaparecer.

—

Depois de fazer networking com cinco pessoas, o número que escrevi na palma da mão como lembrete de minha tarefa, compro uma garrafa de vinho e fujo para meu quarto.

O que é que tem? Assistir às Olimpíadas é obrigação para mim, então em certo sentido ainda estou trabalhando.

—

Domingo. Quero muito passar outra noite no hotel para continuar assistindo às Olimpíadas. Do lado de fora, a luz refletindo as ruas pálidas, alvejadas pelo sal, dá ao mundo a aparência de uma imagem superexposta. Não sei o que exatamente eu deveria querer lá de fora — um táxi?

—

Ao chegar em casa, tomo um pouco de vinho e os comprimidos

que o psiquiatra alertou para jamais tomar com álcool. Sento no computador e começo a procurar. Por que não há vídeos de atletas que desistem? De toureiros lançando as mãos para o alto e se afastando dos touros que têm de matar? *Ʒá deu! Pra mim, chega!* Será que não há esses vídeos porque podemos ter empatia demasiada com a desistência? Tomo mais um pouco de vinho e mais meio comprimido, sem sentir os efeitos desejados. “Demonstrações de força de vontade” me leva a um monte de vídeos aterrorizantes e macabros de atletas que se ferem gravemente. Digito “osso” e “fratura” no YouTube. Entre os resultados, vejo uma prévia de um jogador de futebol americano em campo levantando a perna. A canela parece um bumerangue, com um ângulo de noventa graus com uma protuberância debaixo do meião preto. Clico no vídeo. Toca uma música dramática da trilha sonora de *Gladiator*. Um jogador corre pelo campo para receber um passe. Pauso o vídeo. Avanço uns segundos. O jogador está caído. O pessoal do atendimento médico está em volta dele, tratando sua canela como se fosse um bebê. Assisto ao vídeo algumas vezes desse modo, com imagens congeladas. Tomo mais vinho e mais meio comprimido. O próximo vídeo em que clico é de dois jogadores de hóquei que se socaram com tanta força que a bochecha de um deles moveu-se para o lado como cera derretida. O osso da maçã do rosto foi reduzido a pó. Deixo a imagem avançar e recuar como se fosse um truque do Olho Mágico. Olhando a distância, a face caída é como uma peça de maquinário quebrada, um carro com um para-choque despencado. Clico em outro vídeo. Aparece um ciclista de BMX caindo de cabeça, o pescoço quebrando. Tomo mais vinho. Fico pensando por que será que há tantos vídeos de acidentes na internet. Sem exceção, quanto mais macabro o vídeo, maior o número de visualizações. Clico em um vídeo que é uma compilação dos dez nocautes mais brutais de todos os tempos, mostrados em câmera lenta, transformando tudo em um turbilhão de sangue e suor e dentes no ar. Clico em um vídeo de acidente de patinação de velocidade, panturrilhas e coxas cortadas por um moinho de lâminas de patinação. Clico em um

vídeo de um goleiro de hóquei com as mãos no pescoço, jorrando sangue como um chafariz. Clico novamente e vejo o companheiro de time colidindo com os patins na garganta dele. Clico no vídeo de um esquiador que salta e cai centenas de metros no ar deslizando em direção a uma plateia mortalmente em silêncio. Clico no vídeo de Monica Seles sendo esfaqueada nas costas por um fã demente. Clico no vídeo de Greg Louganis em que bate com a cabeça na plataforma de saltos ornamentais. Clico no vídeo de um jogador de basquete que estoura o ligamento cruzado anterior. A seguir ele cai de costas. E o joelho dele rompe por baixo da meia. Vejo um jogador de futebol caído gritando, as pernas tortas. Assisto a um estranho vídeo de um jogador de futebol saudita que enquanto agoniza dá cambalhotas para trás, como se estivesse radiante.



Paula Newby-Frazier, “Chegando ao limite”, Ironman do Havai de 1995, still retirado de: <[https://www.youtube.com/watch?v=g\\_utqeQALVE&t=7s](https://www.youtube.com/watch?v=g_utqeQALVE&t=7s)>.

A campeã de Ironman Paula Newby-Frazier finalmente “atingiu o limite”. Nadou quatro quilômetros e pedalou setenta e quatro e correu quase uma maratona inteira. Ela está na liderança, mas

*image  
not  
available*

de vassouras que batem contra as arquibancadas, o ruído de copos vazios sendo jogados no lixo. Todas as lonas foram retiradas e a equipe de limpeza desligou os rádios e foi para casa. A sensação é de folhas voando por um estacionamento vazio, para lá e para cá, sem direção.

---

Nunca quis ser aquela menina afastada no campo em que a bola nunca chega, piscando de modo descontrolado contra o sol. Queria jogar. Queria criar a ilusão.

---

Outra manhã. Ainda neva. Não sei o que fazer com meu dia. Mas sei que preciso viver porque está ali para que eu o viva. Levanto, como algo, checo o e-mail, escrevo um pouco e depois de uma xícara de café decido convidar os amigos para um jantar em casa. Tenho certeza absoluta de que não quero dar um jantar, mas se uma ideia dessas passou pela minha cabeça deve haver um lado meu, ainda que inconsciente, que queira oferecer um jantar. Por que não um pouco de diversão? Escrevo um e-mail e deleto. Ando pelo apartamento, ligo para minha mãe e desligo antes de ela poder atender. Não retorno a ligação quando me chama. Escrevo outra versão do e-mail sobre o jantar que parece mais animada, mais vibrante. Depois de enviar, levanto os olhos e percebo um movimento no apartamento perto da passagem de ar. Meu vizinho está deitado de costas fazendo algum tipo de abdominal. As pernas dele se movimentam para a frente e para trás com precisão. Observo-o talvez por muito tempo. Quando volto a olhar para o computador, meus amigos tinham respondido. Nick e Jenny, provavelmente, virão, e George disse ter oitenta e cinco por cento de certeza. Mas Jack disse que vem com certeza. Pergunta o que pode trazer. Não tenho mais como deliberar se vou ou não dar um jantar — Jack vem com certeza, então minha única opção é ir em frente. Logo estou caminhando

*image  
not  
available*

apesar de o nome verdadeiro dele ser Martin. Você viu que ele tinha trazido meia dúzia de latinhas de cerveja. Você ouviu-se dizer algo como, Uau, obrigada, Jack! Quem vai tomar tudo isso? E Jack pareceu constrangido, como se tivesse armado de ele passar a noite com você, só os dois, talvez com intenções românticas. Mais ninguém tocou o interfone, e embora você tenha continuado a olhar o celular, e Jack tenha continuado a olhar o dele, mais ninguém iria tocar o interfone pelo resto da noite. As quiches estavam deliciosas, e você comeu demais em uma sentada, deixando Jack acanhado. Começou a ficar meio empolgada com a comilança e pela animação como estava tomando uísque e, agora que pensou nisso, os comprimidos de ansiolítico que também tinha tomado, e logo você se esqueceu do que aconteceu a seguir exceto pelo fato de ter perguntado a Jack se ele queria levar o restante da cerveja para casa.

---

Por uns dias, consigo me comportar normalmente. Depois, de súbito, não me sinto bem e preciso ir ao médico.

---

O que é o medo? Quando peço a explicação não científica, o médico pressiona um punho contra o outro para simbolizar as engrenagens do cérebro. As pessoas que são muito ansiosas têm as engrenagens do medo muito aceleradas. O medo leva o cérebro a produzir hormônios, como a adrenalina, que fazem o coração bater e ativam as glândulas de suor. Mesmo quando não há uma ameaça evidente, o cérebro ansioso se esforça para encontrar outros gatilhos.

No tutorial em vídeo que estou assistindo agora, uma jovem racional está passando por uma crise de pânico enquanto um rapaz elegante e compassivo está sentado ao lado com a mão nas costas dela tranquilizando-a dizendo que está tudo bem, que não

*image  
not  
available*

Já fiz uso de minhas dez sessões gratuitas de aconselhamento na faculdade, por isso sou orientada a procurar um terapeuta fora do campus. Cada sessão custa trinta dólares. O único modo que tenho para justificar o gasto é se conseguir demonstrar a mim mesma que estou ativamente trabalhando no desenvolvimento de “habilidades” e “mecanismos” entre as sessões, que era o recomendado pelo terapeuta da faculdade. Eu enchia folhas de papel e fazia exercícios que me ajudavam a me tornar mais “consciente”.

Agora que estou no consultório desse novo terapeuta, fico toda apreensiva em pedir “tarefas”. Dr. M. é um psicanalista à moda antiga e parece achar terapia cognitiva comportamental uma coisa meio New Age. É com grande relutância que se dirige ao arquivo empoeirado para pegar os papéis. Ele chama a minha atenção para isso e aquilo. De supetão, sinto como se tivesse acabado de comprar um animalzinho de estimação e esse fosse o manual de instruções para cuidar dele.

---

Março. Primeiro sonho da primavera. Paul salta de um prédio em chamas e cai em segurança sobre copas de árvores frondosas que amortecem seu impacto lá embaixo. Por um segundo, fico embriagada de felicidade. Mas aí as árvores jogam Paul para o alto para comemorar, esquecendo-se de que ele é um pequeno ser humano, e todos os ossos dele se quebram.

---

*image  
not  
available*

Saímos do café e nos unimos à multidão voltando para casa. Olhando na direção da Union Square, dá para avistar o fluxo contínuo de pessoas se estreitando para descer ao metrô. Imagino como grãos de areia passando por uma peneira. Decido que prefiro andar. O céu está uma cúpula de chumbo. Ando mais devagar do que alguém que caminha à toa, mais devagar que um turista, mais devagar que a indecisão.

---

Acho que consigo pensar em exercício como um modo de trabalho. Assim vou ter de conseguir extraí-lo de mim independentemente de meu nível de energia. É como Ellen diz: preciso “trabalhar” meu corpo.

---

Estou tentando decidir entre as academias. Pode ser que o motivo para eu não me exercitar venha de algum desequilíbrio que tenha a ver com minhas escolhas econômicas. Tento reavaliar tudo com cuidado. O ginásio da faculdade é o lugar evidente para eu me exercitar, já que vou lá diariamente. No entanto, o piso do vestiário está sempre coberto com grossos tufos de cabelos de outras pessoas, que têm de ser empurrados com o pé como se fossem emaranhados de algas marinhas. Uma vez me troquei ao lado de uma mulher que tinha uma micose tão infectada que parecia decorar a pele dela como um brocado. Quem garante que o cloro vai exterminar um fungo potente daqueles? Outra vez, sob a iluminação embaçada da sauna, notei uma presilha de cabelo vermelha que alguma criança tinha esquecido, mas, quando fui tentar pegar, escorregou entre o piso de madeira.

---

A outra academia que cogito é bem mais cara, mas as vantagens!

*image  
not  
available*

gigantesco em Olímpia foi construído com os pagamentos feitos por esses infratores.)

E aquela chama perpétua, a tocha simbólica que hoje acendemos nas Olimpíadas modernas? Também se originou dos jogos antigos, no entanto, em Olímpia a chama era mantida acesa com o sacrifício ritual de centenas de bois. Tempos depois, o monte de cinzas ultrapassou sete metros. Embora nenhum humano fosse queimado nesse altar, a derrota se equivalia de modo metafórico à morte, o sangue e o suor derramados na arena, uma oferta aos deuses.

—

Do lado de fora da biblioteca. A neve rodopia com as rajadas de vento, o que torna o vento visível. Avisto Jack fumando e me sinto obrigada a pedir desculpas pelo jantar. Parece surpreso. Para ele o jantar foi meramente decepcionante. Ele realmente não tinha ideia. Dá para perceber pelo jeito como brinca com o lóbulo da orelha que faz uma análise retrospectiva da história, como se estivesse se deparando com alguma forma leve de deficiência.

Um homem próximo dali, que ouvia a conversa, de súbito interfere. “Você devia ter chamado o jantar de velório!” Ele ri, satisfeito. “Jesus”, Jack diz, pisando no seu segundo ou terceiro cigarro. “É meio cedo pra fazer piada, não é não?” Há um silêncio momentâneo. O sujeito se desculpa abaixando a cabeça, aparentemente para jogar fora a bituca de seu cigarro. Jack e eu o vemos caminhar até a biblioteca, onde não há lixeiras para desestimular os fumantes. Depois ele atravessa a rua e sai de nosso campo de visão.

—

Um velório não é (como soa) uma vigília feita ao lado do corpo

*image  
not  
available*

Confissão: não consigo parar de assistir a vídeos de maratonistas morrendo na linha de chegada. Assisto a atletas morrerem em outros esportes de resistência — esqui cross-country, travessia de canais a nado, Tour de France —, mas os óculos e o equipamento especializado ocultam os rostos e os corpos, o que dá alguma privacidade contra o olhar da câmera.

Corredores não contam com esse luxo. Os rostos estão expostos a câmeras e suplicantes, mesmo enquanto os corpos se movem em alta velocidade. Parecem a imagem da produtividade em capacidade máxima.

—

A eficiência é uma batalha travada contra o tempo. O único inimigo do corredor é o tempo, e a única tática contra o tempo é o perpétuo movimento. O lendário corredor do século XIX Mensen Ernst, que dizem ter percorrido nove mil quilômetros entre Constantinopla e Calcutá (e depois voltado), disse o seguinte: “Estar em movimento é viver, ficar parado é morrer”. Fiel a seu mantra, durante uma corrida do Cairo até a Cidade do Cabo, ele encostou-se em uma palmeira e colocou um lenço sobre os olhos. No dia seguinte foi encontrado morto.

—

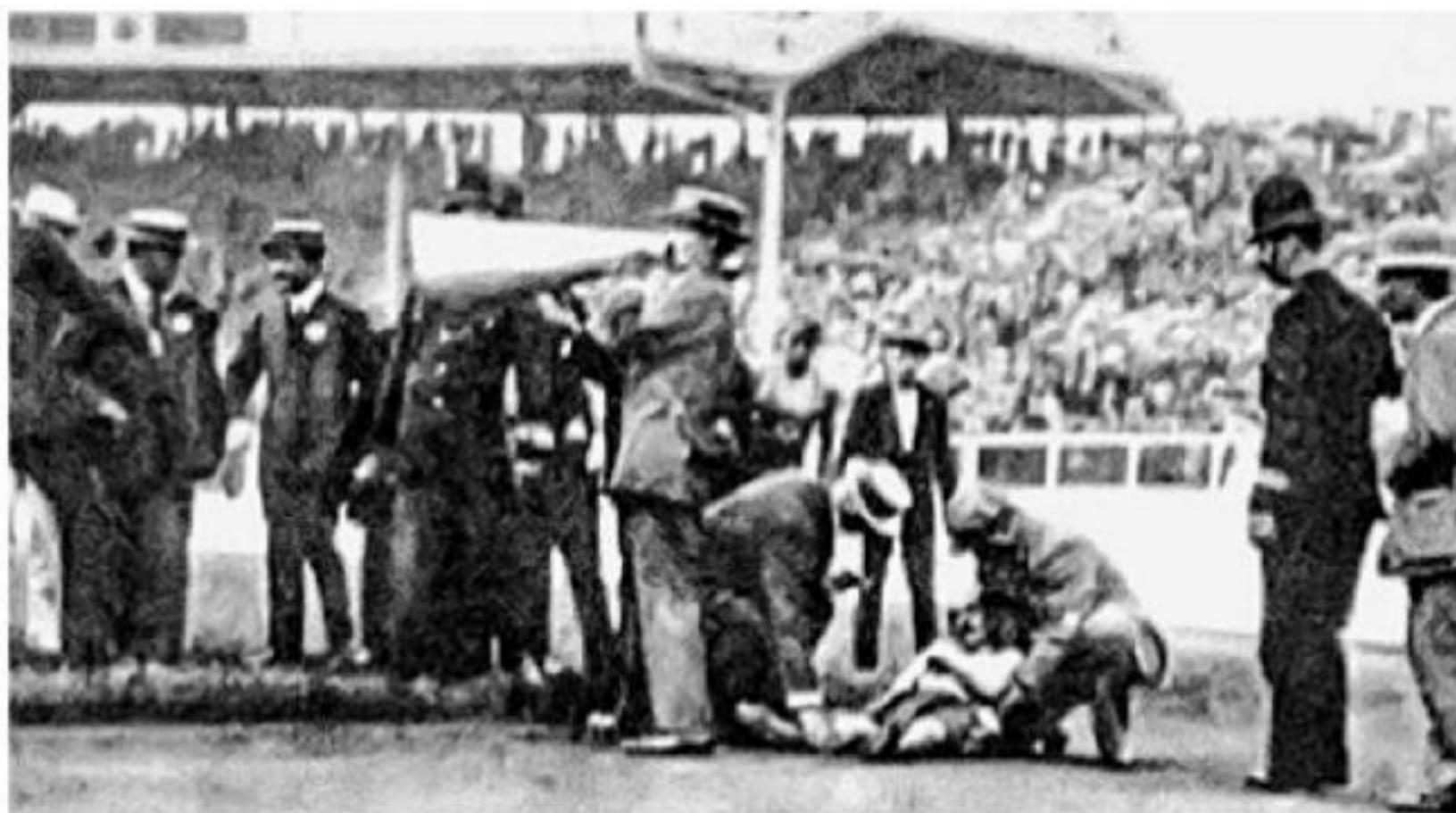
Assim, maratonistas seguem em movimento. Não conseguimos imaginar como podem continuar correndo em um ritmo frenético como aquele, mas lá estão eles. Correm mais rápido do que consigo pedalar com conforto. E aí, quando cruzam a linha

*image  
not  
available*

assustadora foi registrada por Arthur Conan Doyle, que estava nas arquibancadas naquele dia:

*Ele está de pé novamente — as pequenas pernas vermelhas andando de modo incoerente, mas pisando forte, impulsionadas por uma suprema força de vontade interior. Ouvem-se gemidos quando ele cai mais uma vez, e gritos de incentivo quando se levanta novamente. É horrível, e ao mesmo tempo fascinante, essa luta entre um propósito e um corpo absolutamente exausto.*

Pietri não voltou a se levantar, e por isso foi carregado até a linha de chegada por comissários da corrida. A plateia mal notou quando o corredor norte-americano Johnny Hayes passou em alta velocidade pela chegada, sem auxílio. Mais tarde circularam rumores de que o esforço havia levado Pietri à morte. Mas ele sobrevivera, vivendo o suficiente, na verdade, para gastar o que ganhara com aquela corrida.



Dorando Pietri, Olimpíadas de Londres de 1908.

Ah, eis aqui um corredor que se recusou a pensar metaforicamente: durante as Olimpíadas de 1912 em Estocolmo,

*image  
not  
available*

Estou sentada em um escritório estreito com meu coorientador Philippe, que me levou a encontrá-lo em New Haven, onde dá aula, apesar de ambos morarmos em Nova York. Passei meses tentando obter um pouco de atenção dele, e agora que finalmente consegui, estou estragando tudo.

O que parece é que estou defendendo vários pontos de vista de modo equivocado.

De acordo com ele, podia ter evitado a catástrofe que é a minha tese “ao trocar ideias com um colega de espírito crítico”. É verdade, eu não fiz isso. Embora não consiga ver como fosse ajudar. No programa interdisciplinar de que participo, todo mundo faz coisas diferentes, combinando nossas várias áreas de interesse em arranjos surpreendentes, como dadaístas. Já que nenhum de nós dispõe de uma língua franca, é impossível colaborar. Você sabia que isso-e-aquilo tal e tal e isso-e-aquilo? Se a resposta for positiva, podemos continuar a conversar. Mas, se a resposta for negativa, a conversa acaba ali mesmo.

Na verdade, nem sei o que os meus colegas estão fazendo. O máximo que consigo é identificar algumas combinações de palavras. Tipo “Julgamentos das Bruxas de Salem” (Sarah), “Golas altas, suportes atléticos e reconstruções feministas” (Diane), “Cultura de biblioteca” (Henry), e “Acidentes com concreto” (Jack).

—

Meena vive dizendo para que deixe de lado a “acepção” do

*image  
not  
available*

A possibilidade de fazer algo errado.

---

Surpreendo-me fazendo psicanálise em mim mesma. O que só aumenta minha decepção, uma vez que o eu do passado recente (fazendo a psicanálise) e o eu no passado imperfeito (fraca, insípida) são ambos igualmente inexpressivos. Assim como o eu do presente, assimilando tudo, encorajando meu eu do futuro.

---

Paul, Louis e eu estávamos realizando um experimento sobre identidade. Será que íamos conseguir ter o mesmo ímpeto, ou não íamos desejar nada? Usávamos a mesma pasta de dente e o mesmo xampu, ouvíamos os mesmos discos, vestíamos as mesmas roupas. Comíamos o mesmo guisado de lentilha e colocávamos os restos nos mesmos potes de iogurte vazios. Fumávamos tabaco do mesmo rolo. De manhã, nos revezávamos fazendo enormes quantidades de café. Líamos o mesmo jornal, o que normalmente acontecia em um revezamento, um de nós lia as manchetes, e o próximo lia a página dois, e outro lia as páginas depois, e repassávamos a informação para os demais e oferecíamos comentários especializados quando necessário.

No entanto, a ambição acabou por tornar difícil compartilhar com igualdade. Competíamos entre nós de modo discreto, embora ninguém quisesse reconhecer.

---

Na república em que a gente morava, uma mansão velha, confusa, adaptada, havia corredores internos que no passado tinham sido usados por criados. Que coisa grotesca, exigir que os criados surgissem de paredes como fantasmas!

*image  
not  
available*

—

Quando eu ia nadar em piscinas públicas, era habitual as pessoas me perguntarem, “Você é uma nadadora famosa?”. Tinha gente que pedia para eu treinar os filhos deles.

—

Hoje mal consigo erguer os braços para passar a camiseta pela cabeça. Músculos doloridos! Engraçado como de impulso os velhos hábitos voltaram à vida. O modo natural como enrolei uma toalha na cintura, enfiei os óculos de natação e a touca debaixo das alças do maiô, chacoalhei os braços ao redor do corpo. Senti meu corpo novamente. Eu sentia os traços do movimento que estava fazendo. A água se acomodava nas mãos e se liberava.

—

Não consigo nem tossir sem sentir uma pontada nos músculos da barriga, mas sou grata por esse lembrete dolorido de que estou fazendo algo com meu corpo.

—

Ao refletir sobre o assunto, acho que Paul tinha o próprio modo de despender esforço. Ele empregava sua energia pensando. Aqueles relaxantes musculares que gostava de tomar desativavam meu cérebro, mas ele continuava capaz de estudar sem problemas. Quando tomei, fiquei imaginando que todas as reentrâncias do meu cérebro estivessem se nivelando. Eu tinha dado um duro danado para conseguir cada reentrância daquelas! Disse em tom enfático a Paul. Mesmo depois de várias xícaras de café e de horas de jogos on-line para aguçar o cérebro, eu continuava grogue. Depois de uma longa soneca à tarde, o efeito do remédio havia passado e consegui raciocinar novamente. Fui

*image  
not  
available*

Você acredita em Deus?”

Normalmente é o que basta para me deixar confusa, o que parece dar a ele grande satisfação. “Você não vê? Nós somos apenas um bando de merdinhas que vai morrer.”

Ele solta uma risadinha, que se torna uma tosse seca, aí apanha o copinho descartável de café, que observa por um momento, assistindo às gotas marrons que escorrem pelas laterais, e vira o copo lentamente com a mão trêmula.

“Por exemplo, veja essa merda de café nessa merda de copo... Eu pego, tomo, me encho de cafeína e me sinto bem. Não é o melhor café do mundo, mas funciona. É isso. Não tem de ter sentido.”

“Não entendi.”

“O que eu quero dizer é que todos somos como esse copinho de merda. Nós fazemos nosso trabalho, e depois vamos pro lixo.”

Ele fala em tom alto em direção ao teto: “Nada disso tem sentido”. (Mesmo que ele não pense na própria mortalidade, eu penso nisso constantemente.) “Por que se preocupar com isso? Faça o que você gosta. E, se deixar de gostar, pare de fazer.”

—

“Se deixar de gostar, pare de fazer.” Você está tirando sarro da minha cara? Até onde o conselho do dr. M é útil? Afinal, é um homem branco de determinada geração em que, se você é de certa classe social, as coisas só têm como ser melhores ...

—

Por outro lado, não tem como negar que tomar café aumenta a

*image  
not  
available*

A premissa da pesquisadora era de que atos como esses — cagar, trepar — podem ser desfrutados por todos de modo universal e têm a ver com desejos humanos básicos, por isso se você afirma não pensar nisso, está simplesmente se enganando. Ela ainda perguntou sobre assuntos não prazerosos. Você pensa em se matar? Sente raiva? No final da pesquisa, ela indagou os participantes para saber se estavam felizes.

Os atletas de ponta, na maioria, respondiam “não” a pensamentos escatológicos, estupro, sodomia e suicídio, e “sim” para indicar felicidade. Conclusão: bons atletas são iludidos, mas, em geral, mais felizes e menos amedrontados do que os maus atletas que responderam com sinceridade.

Vou ao site do podcast para investigar os dados. O título do estudo é: “Nadadores que mentem para si mesmos nadam mais rápido”.

—

Cole envia uma mensagem: Lendo os diários de Joe Brainard. Ele encomendou dois letreiros para colocar em seu estúdio. PACIÊNCIA e CONFIANÇA.

—

E se a resposta for “simplesmente faça”, como diz meu pai. Faça algo estúpido. Não consigo me esquivar do pensamento de como toda essa pesquisa sobre esporte, no fundo, é uma bobagem, legitimada por minha mirrada bolsa e pela minha carteirinha de estudante, um passaporte que me permite entrar na biblioteca da universidade sempre que quiser para estar no meio de um monte de outras pessoas que estão praticando a mesma atividade estúpida.

—

*image  
not  
available*

cabeça nesse jogo de pingue-pongue na velocidade necessária. A conversa parece incômoda.

Um homem alto parado à minha frente dá meia-volta na fila. Oi. Ele sorri com ar de cumplicidade. Oi. Também sorrio. Gesticula de modo incerto que não entendo. Como se estivesse perdendo o equilíbrio, prestes a cair. Quê? Rio um pouco.

Ao saber no meio de nossa conversa fiada que Meena é minha orientadora, ele arca a sobrancelha, de súbito mais interessado, embora tente ocultar sua reação. Mais tarde ele pede que eu os apresente.

—

Hierarquia natural das festas. O objetivo de se embriagar é chegar a um patamar mais alto. Por isso estar bêbado é conveniente. Gente sóbria tende a permanecer no mesmo nível ou a descer a um patamar inferior, onde a sensação de segurança é maior.

—

Em casa, no fórum on-line de pós-graduação. Esses fóruns sempre trazem certo alívio, ainda que eu nunca poste nenhuma pergunta nem resposta nada. Consigo entender o suficiente juntando vários trechinhos universais. Abro uma série de abas com os seguintes tópicos:

Estou fazendo a coisa certa?

Está difícil ir em frente

Não quero decepcionar as pessoas

Em geral eu sou o tipo de estudante que diz, “Estou bem”

*image  
not  
available*

—

Então subitamente Paul surge na timeline. Um amigo em comum marcou uma foto dele. Na foto, Paul está de pé contra o pôr do sol, a fisionomia em silhueta. Que foto terrível. Ele parece um eclipse. Essa foto casual que alguém desencantou de seu disco rígido assumiu o infortúnio de se tornar um arquivo para testemunhos. Os comentários lembram vagamente o livro no qual visitantes de algum destino deixam seu depoimento. “Saudade!!!” “RIP, cara” “1979 para sempre.”

Especialmente enervante é um conhecido chamado “Jonny Z” que nem se dá o trabalho de checar o restante dos comentários antes de postar:

*Aê, cara, voltou pra baía?*

E aí, percebendo o erro, complementou a mensagem com:

*Pq estive pensando em vc :\*\*\*()*

Por algum motivo, esse post me deixa com mais raiva do que qualquer outra coisa na página. Dá vontade de dizer pra todo mundo como são patéticos. O único motivo para estarem postando essas condolências estúpidas nesse post, que ninguém está lendo, é levá-los a se sentir melhor.

No entanto, agora que cliquei no perfil de Paul e esquadrinhei cada centímetro, meu computador, programado para presumir certas coisas sobre meu comportamento, dispôs a foto dele em destaque na barra lateral como sugestão de pessoas com quem eu deveria “retomar contato”.

—

Dias depois, na terapia. A vida não é uma corrida, dr. M me diz.

*image  
not  
available*

Uma semana se passou. O que andei fazendo? Não estive corrigindo minha tese, eu garanto. Permanece ali próxima à porta, uma hóspede não muito bem-vinda.

—

Hoje me chamaram de “senhor” na piscina. Eu tinha acabado de me trocar e estava enchendo minha garrafa em silêncio no bebedouro quando o salva-vidas me aborda com um tapinha nas costas:

“Senhor?”, ele disse.

Eu me virei. “Opa. Mil desculpas. Achei que fosse outra pessoa.”

“Tudo bem”, eu ri. “Até meus amigos se confundem com os pronomes.”

Olhou-me meio confuso. Nas mãos dele havia um par de óculos de natação que presumivelmente pertenciam a um homem que se parecia muito comigo, e ele queria devolver. Quase me ofereci para entregar. Parecia fazer sentido que, enquanto estivesse envolvida na transação, os óculos fossem acabar chegando ao sujeito que era igualzinho a mim. Ficamos ali meio sem jeito até que um de nós acabou por dizer “Obrigado” ou “Boa sorte” ou “Bem”.

Enquanto caminhava para casa, pensei, com esperança: se um estranho que não é meu parente pode ser exatamente como eu, pode ser que um estranho que não seja meu parente possa

*image  
not  
available*

—

O que minha mãe diz: Bom, sempre acho que quando se precisa dar duro para conseguir comida e um teto não se perde tempo pensando sobre significado. Alguém que está perdido no deserto nunca vai questionar, Será que há cancerígeno nessa bebida azul? Pensar sobre força de vontade já é estar de férias. Imagine, você pode escolher, isso ou aquilo? Eu e o seu pai nunca tivemos escolha. Vir para cá foi como ir ao restaurante bacana chamado Estados Unidos, onde a gente se alimenta dos restos do que os outros pediram. E no restaurante a gente também lava toda a louça e ainda gritam com a gente. Você consegue imaginar? Sem dinheiro. Sem amigos. Seu pai foi despedido. O carro velho de sua tia emitia tanta fumaça que às vezes a gente ficava zozzo e dormia. Tudo era assustador em Los Angeles! Terremotos, incêndio florestal, gente com armas. Uma vez a gente quase bateu em um Lexus! Esse era meu maior medo. E eu lembro que estava no hospital com sua irmã quase nascendo e eu não sabia como dizer “Dor!”. Então eu puxava o cabelo. A gente apenas pensa, somos uma família e independentemente do que acontecer não podemos deixar a peteca cair. Mas a gente nunca se questionou, há sentido? Essa dor horrível representa alguma coisa? Qual é o propósito? Qual é o objetivo? Apenas estamos felizes por todo mundo estar vivo e unido. Então o que eu acho de gente que pensa qual é o sentido da vida? Eu acho... que essa pessoa perfeccionista está filosofando. Ou é muito esperta em arranjar desculpas para não trabalhar.

—

Minutos depois sinto-me culpada por acusar minha mãe de me chamar de acomodada, então ligo de volta para pedir desculpas. Ela fala alguma coisa sobre os americanos esperarem demais da vida. Expectativas altas demais, como sapatos que são enormes para calçar. Sapatos de palhaço.

*image  
not  
available*

pode contar muito, os atletas precisam dedicar-se obsessivamente à perfeição.

Como esse ímpeto pela perfeição é inculcado? O livro *Little Girls in Pretty Boxes*, de Joan Ryan, esboça um panorama sombrio. O famoso casal de treinadores de ginastas, Béla e Márta Károlyi, que treinou Nadia Comaneci, a ginasta mais lembrada por conseguir o primeiro dez perfeito, descobriu um método infalível. Era simples: destrua o senso de autoestima de uma garota de modo que receber a aprovação de pessoas influentes (os técnicos) se torne a única razão para a existência dela.

—

E assim Béla explorava inseguranças. Ele chamava as ginastas de gordas e as depreciava. Certa vez pegou uma barata do chão e disse a uma ginasta, “Parece você”. Béla as chamava de cabras prenhas. Aranhas prenhas. Perus de Natal com recheio demais. Sem nenhuma autoestima, elas olhavam para ele em busca de qualquer indício de aprovação. Essas meninas estavam dispostas a competir com tornozelos e pulsos fraturados, tomando analgésicos, tornando-se bulímicas. A ginasta Kristie Phillips: “Você faria qualquer coisa por aquele sorriso, por aquele tapinha nas costas”.

—

Os Karólyi conseguiram resultados espantosos com a estratégia de destruição de egos. Treinaram duas das sete ginastas da Equipe Nacional Americana de 1996, as “Sete Magníficas”: Kerri Strug e Dominique Moceanu. Antes de Kerri Strug fazer o famoso salto que acabaria por lhe fraturar o tornozelo, Béla foi flagrado pelas câmeras fazendo seu célebre discurso dizendo a ela que “não pensasse naquilo”. O tornozelo obviamente já estava incomodando, então não deveria ser surpresa para ninguém que tenha acabado finalmente fraturando-o durante o

*image  
not  
available*

testa sobre os joelhos enquanto minha mãe joga água quente no para-brisa do carro para derreter o gelo. Ela tem de ir até a cozinha encher o balde e voltar duas vezes. Ouço o que ela faz meio adormecida, e em meu íntimo espero que tenha de fazer mais três vezes. Quando volto a abrir os olhos, há um vapor que sai do carro, e penso, a piscina vai estar assim, falsamente fumegante sob os holofotes, como um banho quente, mas a água não vai estar quente. O cinto de segurança proporciona um espaço entre a faixa na qual posso apoiar a cabeça, e durmo por mais vinte minutos.

—

Ou então: “Você é uma fracassada por natureza”. Sou impelida imediatamente à biblioteca. Que ferramenta afiada e útil. Realmente corta na carne.

—

Conheço uma história sobre o pai de Andre Agassi, Mike Agassi. De acordo com a autobiografia de Andre, *Agassi*, Mike Agassi era o clássico pai de tenista que passava a amar os filhos apenas quando começassem a jogar do modo como desejava. Chegado o momento de treinar Andre, o mais novo dos quatro filhos, Mike já tinha anos de experiência como técnico.

Andre foi resultado de um método novo e aprimorado. Por exemplo, alguma atitude de Mike Agassi, como pai, levou o irmão mais velho de Andre, Philly, a não ter instinto matador. Tecnicamente, Philly era um grande jogador, mas sentia empatia demais pelos oponentes. Chegava a “sentir pena” de seus opositores caso vencesse, e por isso não jogava com a agressividade possível.

Como resposta a esse perfil lamentável do filho, Mike Agassi elaborou uma manobra tática engenhosa: começou a chamar

*image  
not  
available*

Passamos a tarde andando por aí, Sally nervosa e distraída o tempo todo, depois voltamos para o hotel para uma pausa. É um esforço decidir o que comer. Quando sou apenas eu já é difícil, mas agora, com as duas, é impossível. A negociação normalmente é entre a coisa barata e nada saudável e a saudável e nutritiva que é cara demais, mas, como é uma ocasião especial, acho que devemos comer em um restaurante bacana. Pergunto o que ela quer. Diz que não quer pensar, será que eu posso decidir? O cérebro dela já funciona a pleno vapor, e as menores decisões se tornaram aflitivas. Está mais preocupada com a roupa que vai vestir; é ideal, de verdade? Veste e tira, depois põe no cabide de volta, segurando a roupa com as pontas dos dedos, apavorada com a possibilidade de sujar o tecido. Ensaia o que vai falar. Desço para que tenha mais liberdade, caminho até a loja de livros de arte, depois compro comida em um restaurante que definitivamente cobra caro demais pelo que vende. Escolho peixe com vegetais. E uma barra de chocolate.

---

De manhã novamente. Enquanto Sally se arruma, procuro no Google “pós-graduação afastamento discente”, apenas para ver o que aparece. Os primeiros resultados são de Columbia, Princeton, Stony Brook, Duke, Northwestern, Cornell, Yale e NYU. Não sei nada sobre algoritmos de internet, mas será que é porque os alunos desses lugares são os que têm maior probabilidade de googlar as palavras “afastamento discente”?

Gosto da frase “afastamento discente”. Parece que se está simplesmente cumprindo uma obrigação social. Estou me afastando temporariamente da discência e fazendo uma visita ao presente. Adeus, afastamento.

---

Sally toma banho e se veste com cuidado, secando o cabelo por

*image  
not  
available*

Apartamento vazio. Tento não entrar em pânico. E agora? Ouço o tráfego lá fora. Alguém está realmente com a mão colada na buzina. Alguém realmente tem de chegar a algum lugar. É como se o tempo estivesse passando rápido demais, estou ficando para trás, tornando-me um pano de fundo, desaparecendo...

---

Eu podia jurar que o e-mail dizia:

ESTIMADA FRACASSADA,

LAMENTAMOS INFORMAR QUE VOCÊ NÃO PODERÁ MAIS CONCORRER A BOLSAS NA UNIVERSIDADE PORQUE ACREDITAMOS QUE JAMAIS VAI CONCLUIR SUA TESE...

Então isso aconteceu comigo.

---

Também podia jurar que o guru da meditação havia dito: “Não escute essa fita enquanto estiver se exercitando ou operando máquinas pesadas”.

---

O otimismo de uma fracassada: por uns dias, tenho certeza de que Meena vai concordar em levar a tese adiante de qualquer maneira.

*image  
not  
available*

por técnicos de crianças. Em outras palavras, é um mito. Não se aplica à vida real. Na vida real, saber quando desistir é uma capacidade valiosa. Ter a confiança de dizer a si mesmo, “Vou desistir”, é algo pródigo. Pessoas bem-sucedidas desistem das coisas quando percebem que não podem ser as melhores.

No entanto, esclarece. Se você a todo momento desiste simplesmente por estar no “fundo do poço” — quer dizer, “quando as coisas se complicam” — pode acabar um fracassado. A habilidade a ser cultivada é a de saber quando se está preso no Poço indefinidamente ou quando se está apenas “de passagem”.

Indício nº 1: Athena se sente presa no fundo de um poço muito extenso e estreito. Está nesse poço há muito tempo, anos a fio. Será que devia continuar tentando escalar a parede? Acredita que sim. Embora sinta que sua situação seja incorrigível, não quer desistir de tentar por receio de ter “mentalidade de fracassada” (mecanismo de derrotada). Olha para o alto e vê a parede íngreme rochosa sem ação, depois deita no chão de terra e tira um cochilo. Essa é a rotina diária dela.

Indício nº 2: Você vê algum vizinho no fundo do poço? Alguém mal-intencionado retirou a escada, e seu parceiro de rapel desapareceu! Mas não se preocupe. O vizinho vai superar essa crise porque é uma pessoa decidida. Ele para por um momento para avaliar a situação, os olhos semicerrados observam as sombras da rocha, e elabora rotas de fuga e pontos onde possa apoiar as mãos durante a escalada. O sol é implacável, e não há água, mas isso não vai detê-lo. Logo mais, ele vai afrouxar a gravata e escalar, uma pedra por vez, usando a tremenda força dos membros superiores, que aperfeiçoou na academia justamente para essa situação hipotética. A rocha é firme? Será que consegue alcançar a próxima? Se você for o vizinho, a resposta provavelmente será sim. Em algum momento ele vai acabar saindo do poço. É confiante, porque lá no fundo também sabe que, se realmente não tiver como dar conta da situação, um

*image  
not  
available*

Meu pai responde à notícia da perda de minha bolsa com tal equilíbrio que é como se tivesse previsto que ia acontecer. “Meiguan xi”, ele diz. “Qual é o plano B?” Digo que não tenho um plano B, que vim trabalhando com um otimismo infinito, dedos cruzados. Digo isso de propósito para irritá-lo, um toque de crueldade que não beneficia ninguém.

“Você deve sempre se preparar para o pior, não para o melhor”, ele diz baixinho, em tom amigável. Discutimos minhas despesas, com o que eles podem me ajudar durante o verão. Não é muito. Mal cobre metade de meu aluguel.

“Se eu voltar para casa... vocês vão se envergonhar...”, eu digo, surpresa com as lágrimas. “Mil desculpas...”

“É claro que tudo bem voltar pra casa. Tudo é tudo bem. Ninguém vergonha você. Só tem que continuar em frente, ok?”

É verdade. Pessimistas têm melhor desempenho quando o mundo os decepciona.

—

Depois que meu pai diz que não seria o fim do mundo se eu voltasse para casa, voltar para casa se torna inevitável. Uma mudança de cenário. Um novo começo. Talvez eu até consiga me concentrar. Até que enfim vou deixar para trás aquela conta que ficava o tempo todo martelando em minha cabeça, do tempo passando dividido pelo aluguel. Pode ser que finalmente eu consiga trabalhar.

*image  
not  
available*

dizia coisas do tipo: Jamais diga que é fraco! Diga sempre que é forte! Coisas desse tipo? Agorinha quando disse que é fraco me deu um arrepio.”

“Não, nunca tive esse problema com meu técnico”, Jack diz. “Meu maior problema é que eu era bom demais. Não! Não ria! Não é piada. Era bom mesmo quando menino. Fazia uma jogada ou marcava um gol, mas aí fugia da responsabilidade. Tinha vergonha de mim mesmo, e deixava de jogar com o mesmo empenho. Até quando jogava xadrez, que também jogava muito bem, sentia timidez por ser bom.”

“Por que você sentia vergonha?”

“Fiz autopsicanálise para tentar entender.”

“E?”

“Não sei.”

Jack diz que está ansioso para encontrar um café, então deixo que ele vá. Quero perguntar se ele continua a diminuir o potencial por vergonha, mas tenho medo da resposta, então não questiono.

—

Há mudanças hormonais que ocorrem em nosso corpo quando vencemos ou perdemos — especificamente, os níveis de testosterona aumentam quando vencemos e diminuem quando perdemos. O mesmo fenômeno ocorre em espectadores: torcedores de times derrotados sofrem redução, ao passo que torcedores do lado vencedor têm um acréscimo.

Estudos também mostram que pessoas com testosterona alta tendem a ser mais corajosas e destemidas, a seguir em frente



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Será que os vencedores necessariamente “escolhem” vencer? Vencer várias e várias vezes seguidas exige um esforço fenomenal que acho que deve ser algo involuntário. Em sua autobiografia, Rafael Nadal fala sobre a característica singular que diferencia os campeões das pessoas meramente talentosas. A capacidade de vencer não tem nada a ver com perseverança, dinheiro ou boas pernas. Não, nem mesmo com força de vontade. A característica que esses campeões compartilham é sua profunda incapacidade de perder. Em qualquer coisa. Certa vez Nadal perdeu um jogo inocente de cartas para a família e os acusou de trapacear. Então você pode imaginar o que acontece quando ele perde jogos importantes de tênis. De acordo com ele, teve o momento de revelação aos sete anos quando perdeu para um oponente maior, mais talentoso. Depois daquela derrota, sofreu um colapso nervoso ali mesmo no carro. Nariz escorrendo, lágrimas, soluço incontrollável. Um apocalipse pessoal. Ele sabia que jamais queria se sentir daquele jeito novamente.

—

Para mim o topo parece um lugar solitário. Para campeões, vencer não é uma coisa tão gloriosa. Vencer é ficar vivo; é escapar de um lugar fundo e escuro. Campeões têm de fazer isso diariamente.

■

Cole e eu estamos bêbadas discutindo sobre como ela jamais ia ser convincente como comediante, por que quem ia acreditar que tivesse problemas para ter namorados?

Bem no momento em que falávamos, um sujeito passa por nós e sussurra para o amigo: “Aquela ali é nota dez”.

Jogo as mãos para o alto. “Está vendo o que quero dizer?”

Cole ri: “Não me faça mais arrogante do que já sou! Além disso, ele é pequeno demais. O quadril dele tem o diâmetro de meu joelho”.

É cruel a alegria que eu sinto apenas por registrar tudo que a Cole diz. Essa vai ser a coisa mais difícil de abandonar.

—

Hoje, última sessão com o dr. M. Estranho dizer adeus a seu terapeuta porque as coisas estão ficando piores, em vez de melhorar. Normalmente as pessoas dizem tchau quando não precisam mais do terapeuta. Sinto como se estivesse sendo exilada. É uma sessão estranha. Acho que ele tem impulsos conflitantes de me analisar e me dar conselhos para a vida. Fica me dizendo que eu sou uma “grande garota” com um “futuro brilhante”. Volta para uma visita? Acabo saindo da sessão alguns minutos mais cedo. Tchau, se cuide, tchau então, boa viagem. Fico pensando se um dia vou voltar a vê-lo.

—